

A PRIMEIRA-DAMA COMO TECNOLOGIA DE GÊNERO: UMA ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS NOS PERFIS DO INSTAGRAM DE MICHELLE BOLSONARO E JANJA LULA DA SILVA

THE FIRST LADY AS A TECHNOLOGY OF GENDER: AN ANALYSIS OF COMMENTS ON THE INSTAGRAM PROFILES OF MICHELLE BOLSONARO AND JANJA LULA DA SILVA

LA PRIMERA DAMA COMO TECNOLOGÍA DE GÉNERO: UN ANÁLISIS DE LOS COMENTARIOS EN LOS PERFILES DE INSTAGRAM DE MICHELLE BOLSONARO Y JANJA LULA DA SILVA

Nicoli Tassis

■ Professora adjunta da Universidade Federal de Uberlândia. Professora permanente no curso de Jornalismo e dos programas de pós-graduação em Estudos Literários e em Tecnologias, Comunicação e Educação. Doutora e mestre em Comunicação Social pela UFMG, coordena o Narra – Grupo de Pesquisa em Narrativa, Cultura e Temporalidade. Pesquisa narrativas midiáticas, gênero, memória e identidades femininas.

■ Profesora adjunta de la Universidad Federal de Uberlândia. Profesora permanente del curso de Periodismo y de los programas de posgrado en Estudios Literarios y en Tecnologías, Comunicación y Educación. Doctora y máster en Comunicación Social por la UFMG, coordina el Narra – Grupo de Investigación en Narrativa, Cultura y Temporalidad. Investiga narrativas mediáticas, género, memoria e identidades femeninas.

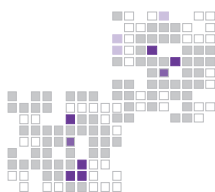
■ E-mail: nicolitassis@gmail.com

Laís Espósito Araújo

■ Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Integra o Narra - Grupo de Pesquisa Narra Narrativa, Cultura e Temporalidade, desenvolvendo pesquisas sobre mulheres em posições de poder e as relações entre mídia, política e identidade. Durante o ano de 2025, foi bolsista do CNPq, para desenvolvimento de Iniciação Científica sobre Diversidade Sexual e de Gênero.

■ Estudiante de grado en Periodismo por la Universidad Federal de Uberlândia (UFU). Forma parte de Narra – Grupo de Investigación Narra Narrativa, Cultura y Temporalidad, donde desarrolla investigaciones sobre mujeres en posiciones de poder y las relaciones entre medios de comunicación, política e identidad. Durante el año 2025, fue becaria del CNPq para el desarrollo de una investigación de Iniciación Científica sobre Diversidad Sexual y de Género.

■ E-mail: laisesposito66@gmail.com



RESUMO

Este artigo analisa a primeira-dama como tecnologia de gênero e mediação comunicacional na política brasileira, tensionando os cânones androcêntricos da Comunicação Política. Ancorado na epistemologia feminista, nos conhecimentos situados e na colonialidade do gênero, examina como regimes generificados de visibilidade coproduzem autoridade, legitimidade e reconhecimento. A partir da análise dos comentários nos perfis de Rosângela “Janja” Lula da Silva e Michelle Bolsonaro no Instagram, investigam-se arquiteturas sociotécnicas que organizam validação, vigilância e disciplinamento dos corpos. Argumenta-se que a primeira-dama constitui infraestrutura simbólica do político no ambiente plataformizado.

PALAVRAS-CHAVE: PRIMEIRA-DAMA; TECNOLOGIA DE GÊNERO; EPISTEMOLOGIA FEMINISTA; INSTAGRAM.

ABSTRACT

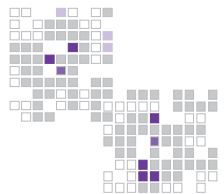
This article examines the figure of the first lady as a gender technology and a form of communicational mediation in Brazilian politics, challenging the androcentric canon of Political Communication. Drawing on feminist epistemology, situated knowledges, and the concept of coloniality of gender, it explores how gendered regimes of visibility co-produce authority, legitimacy, and recognition. Based on the analysis of the comments on the Instagram profiles of Rosângela 'Janja' Lula da Silva and Michelle Bolsonaro, the study investigates the sociotechnical architectures that organize processes of validation, surveillance, and disciplining of bodies. It argues that the first lady operates as a symbolic infrastructure of the political system within platformized communication environments.

KEY WORDS: FIRST LADY; TECHNOLOGY OF GENDER; FEMINIST EPISTEMOLOGY; INSTAGRAM.

RESUMEN

Este artículo examina la figura de la primera dama como tecnología de género y forma de mediación comunicacional en la política brasileña, cuestionando el canon androcéntrico de la Comunicación Política. A partir de la epistemología feminista, los conocimientos situados y el concepto de colonialidad del género, explora cómo los regímenes generificados de visibilidad coproducen autoridad, legitimidad y reconocimiento. Mediante el análisis de los comentarios en los perfiles de Instagram de Rosângela “Janja” Lula da Silva y Michelle Bolsonaro, el estudio investiga las arquitecturas sociotécnicas que organizan procesos de validación, vigilancia y disciplinamiento de los cuerpos. Se sostiene que la primera dama opera como una infraestructura simbólica de lo político en entornos de comunicación plataformizados.

PALABRAS CLAVE: PRIMERA DAMA; TECNOLOGÍA DE GÉNERO; EPISTEMOLOGÍA FEMINISTA; PLATAFORMIZACIÓN.



1 Introdução

A figura da primeira-dama raramente ocupa centralidade nos estudos de Comunicação Política, sendo frequentemente tratada como personagem protocolar, extensão conjugal da autoridade masculina ou agente de atuação assistencialista. Esse enquadramento decorre de uma concepção androcêntrica do poder, na qual a autoridade tende a corporificar-se no sujeito masculino, enquanto às mulheres são atribuídas funções de suporte, cuidado e legitimação simbólica. Tal divisão sexual tem sustentado historicamente formas de exclusão das mulheres da política formal (Pateman, 1993; Fraser, 1990).

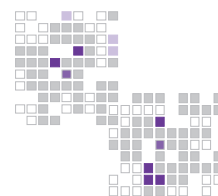
O gênero organiza relações de poder ao estabelecer hierarquias entre sujeitos reconhecidos como políticos e aqueles relegados a posições de suporte (Scott, 1995). O estatuto comunicacional da primeira-dama integra, assim, a dimensão simbólica do poder político, uma vez que sua presença pública pode operar como extensão comunicacional da presidência e contribuir para a construção de sua imagem pública (Gutin, 1983; Fu & Savel, 2020). Nesse processo, a primeira-dama pode funcionar como figura de personificação e mediação de valores associados à autoridade presidencial, tornando determinados sentidos socialmente inteligíveis (Burns, 2008).

Na teoria social da comunicação, a marginalização dessa figura também revela uma hierarquização epistemológica que privilegia instituições formais e obscurece os processos culturais e comunicacionais pelos quais o poder se torna experimentável no cotidiano (Martín-Barbero, 2003). A primeira-dama pode, nesse sentido, ser compreendida como interface comunicacional que traduz a abstração institucional do Estado em registros afetivos, aproximando-se da dimensão sensível da comunicação proposta por Muniz Sodré (2002).

A partir desse enquadramento, o trabalho mobiliza aportes feministas para tensionar os cânones da Comunicação na América Latina, deslocando a primeira-dama de objeto empírico para categoria analítica. As disputas em torno de Rosângela “Janja” Lula da Silva e Michelle Bolsonaro no Instagram evidenciam como as plataformas digitais participam da organização de regimes generificados de visibilidade e reconhecimento, nos quais corpo (Grosz, 1994) e afeto (Ahmed, 2004) constituem dimensões da autoridade política. A comunicação platformizada torna-se, assim, espaço de disputa simbólica atravessado por projetos neoconservadores e por dinâmicas de violência, vigilância e modulação da visibilidade.

Pergunta-se, portanto, de que maneira a pesquisa feminista em Comunicação permite compreender a primeira-dama como tecnologia de gênero (de Lauretis, 1994) e mediação comunicacional na produção de regimes de visibilidade no espaço político brasileiro. O objetivo é aprofundar os fundamentos epistemológicos dessa abordagem, investigando como suas performances no ecossistema platformizado podem operar tanto como mecanismos de disciplinamento quanto como práticas de deslocamento e resistência (Foucault, 1979; Butler, 2019). Entende-se por comunicação platformizada o arranjo em que interações públicas são estruturadas por dados, algoritmos, métricas de engajamento e modelos de negócio de plataformas proprietárias, como o Instagram (van Dijck; Poell; de Waal, 2018; Poell; Nieborg; van Dijck, 2019). Essa arquitetura modula a visibilidade e condiciona as formas de aparição dos sujeitos políticos no espaço público digital (Gillespie, 2018; Bucher, 2018).

Parte-se da hipótese de que a primeira-dama funciona como tecnologia simbólica de produção de visibilidade e legitimidade, tornando perceptíveis as gramáticas de gênero que



delimitam quem pode aparecer, ser reconhecido e constituir-se como sujeito político (Butler, 2019), ao mesmo tempo em que evidencia hierarquias atravessadas pela colonialidade do gênero (Lugones, 2014). Análises sobre figuras de projeção internacional, como Michelle Obama, demonstram que o papel da primeira-dama pode ser mobilizado para personalizar e humanizar a liderança presidencial, contribuindo para a popularidade do governante e o gerenciamento de sua imagem pública (Wertheimer, 2005; Winfield, 1997; Gould, 2014). Representações de afetividade, maternidade e engajamento em causas sociais constituem, nesse processo, recursos comunicacionais capazes de aproximar a presidência do eleitorado e produzir formas específicas de identificação pública (Burns, 2008).

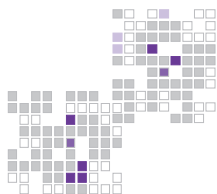
No cenário interamericano e latino-americano, essa atuação torna-se mais complexa quando a posição de primeira-dama funciona como plataforma para a disputa eleitoral e o exercício do poder formal. Trajetórias como as de Hillary Clinton, nos Estados Unidos, Cristina Fernández de Kirchner, na Argentina, e Margarita Zavala, no México, evidenciam diferentes processos de conversão da visibilidade e do capital político acumulados nessa posição em atuação política própria (Borrelli, 2011; Martin & Borrelli, 2016). Essas experiências tensionam a fronteira entre domesticidade e espaço público da representação e da governança e apontam para a possibilidade de acúmulo de capital político próprio (Waylen, 2014; Bourdieu, 2007). A primeira-dama situa-se, desse modo, na interseção entre personalização da política, cultura de celebridade e relações de gênero, tornando sua presença relevante para compreender formas contemporâneas de representação, reconhecimento e exercício simbólico do poder (Garzia, 2014; Street, 2004).

2 A primeira-dama como tecnologia de gênero

Este trabalho inscreve-se na epistemologia feminista, que questiona a neutralidade do conhecimento e enfatiza seu caráter situado. Para Donna Haraway (1995), a objetividade decorre da explicitação das condições de produção do conhecimento, e não de um olhar transcendente. A noção de objetividade forte, proposta por Sandra Harding (1996), converge com essa perspectiva ao sustentar que a incorporação de pontos de vista marginalizados amplia a capacidade crítica da ciência. No campo da Comunicação, isso implica reconhecer que os processos comunicacionais participam da organização de regimes de visibilidade e reconhecimento, definindo quem pode aparecer no espaço público e sob quais condições, ao mesmo tempo em que tornam visíveis corpos, experiências e afetos historicamente silenciados.

Articulada à teoria das mediações de Jesús Martín-Barbero (2003), essa perspectiva permite compreender a comunicação como processo cultural no qual matrizes simbólicas e relações de poder se entrelaçam. A epistemologia feminista evidencia que essas mediações também são generificadas, organizando a inteligibilidade dos corpos e suas possibilidades de reconhecimento. Na América Latina, essa discussão articula-se à colonialidade do gênero. Maria Lugones (2014) demonstra como gênero, raça e colonialidade participam conjuntamente da produção de hierarquias sociais, enquanto Rita Segato (2018) contribui para compreender a persistência de pedagogias da crueldade que naturalizam relações hierárquicas de gênero e formas de subordinação.

Nesse quadro, o ideal de feminilidade respeitável associado à primeira-dama articula-



se à domesticidade, à heteronormatividade e às hierarquias raciais, inscrevendo-se em estruturas mais amplas de classificação e poder (Quijano, 2005). O objetivo, portanto, não é apenas descrever as performances de Michelle e Janja, mas analisar como suas formas de aparição no ambiente plataformizado participam de relações de poder capazes de estabilizar ou tensionar a autoridade política. Compreender a primeira-dama como tecnologia de gênero, então, implica tomá-la como posição ativa na produção da feminilidade política. A partir de Tereza de Lauretis (1994), tecnologia de gênero designa o conjunto de práticas e representações por meio das quais corpos, subjetividades e posições sociais são produzidos e tornados inteligíveis. A primeira-dama constitui, assim, uma superfície de inscrição das normas que definem o que significa ser mulher em proximidade com o poder.

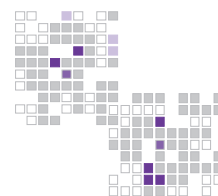
É importante, contudo, distinguir a mulher que ocupa essa posição da própria tecnologia de gênero: as primeiras-damas não são, em si mesmas, tecnologias de gênero. É a posição institucional e o papel socialmente construído que conferem às esposas dos presidentes a condição de dispositivo político, estruturado por normas de conduta, pedagogias visuais e expectativas de domesticidade e feminilidade. Essas convenções modelam e regulam corpos, subjetividades e formas de atuação. Essa produção ocorre por meio de performances reiteradas. Gestos, indumentárias, discursos e modos de aparição participam da naturalização do gênero (Butler, 2019), compondo uma pedagogia visual e afetiva da autoridade que articula gênero, moralidade e legitimidade. A posição é marcada, ainda, por uma tensão constitutiva, já que se espera que a primeira-dama simbolize modernização sem deslocar a centralidade presidencial. O papel oscila, portanto, entre protagonismo e contenção, podendo produzir capital simbólico

para o governante, sem necessariamente romper a gramática tradicional do poder (Bourdieu, 2007).

No Brasil contemporâneo, essa ambivalência manifesta-se nas diferentes formas de inscrição pública de Michelle e Janja. Michelle é frequentemente associada à domesticidade, à família e à moral religiosa, enquanto Janja aparece mais vinculada ao ativismo, à circulação política e à participação em agendas culturais e sociais. Essa diferenciação, contudo, não constitui oposição fixa, pois, ambas tensionam, em diferentes momentos, as expectativas normativas do papel. Como será analisado a seguir, comentários em suas postagens no Instagram reconhecem a atuação de ambas em agendas institucionais e mobilizações sociais, sugerindo formas emergentes de legitimação nas quais a primeira-dama passa a ser percebida também como agente política.

3 Caminhos metodológicos

Esta seção examina os perfis de Janja (@janjalula) e Michelle (@michellebolsonaro) no Instagram como ambientes sociotécnicos nos quais visibilidade, reconhecimento e poder são produzidos e disputados, para além da expressão pessoal. As plataformas configuram condições de aparição pública por meio de arquiteturas algorítmicas, métricas de engajamento e regimes de interação que interferem na circulação de imagens e discursos (van Dijck, 2013; Bucher, 2018; Hepp, 2020). Os comentários funcionam como arenas de avaliação pública nas quais se atualizam expectativas sobre gênero, moralidade e autoridade. Respostas, réplicas e métricas de engajamento tornam a recepção visível e quantificável, participando da produção de formas de reconhecimento público (van Dijck, 2013). No caso das primeiras-damas, essa dinâmica transforma o corpo em superfície de inscrição de disputas sobre feminilidade,



moralidade e pertencimento social, revelando como a presença feminina próxima ao poder é simultaneamente reconhecida, legitimada, questionada e regulada.

Metodologicamente, a coleta de dados foi realizada manualmente. O *corpus* total de análise compreendeu um montante de 200 postagens selecionadas de ambos os perfis, no período entre março de 2022 e março de 2026, em pesquisa interinstitucional financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). No perfil @janjalula, as publicações trazem agendas institucionais, diplomáticas e atos ativistas, tais como postagens de combate ao feminicídio, de celebração de efemérides como o Dia Nacional do Livro Didático e de circulação em espaços de efervescência cultural. Em contrapartida, no perfil @michellebolsonaro, as postagens são mais centradas na esfera familiar, na divulgação de produtos vinculados ao seu nome e de consagração espiritual, com destaque para o registro de aniversários de familiares, publicações de apoio político ao cônjuge sob as premissas de “Deus, Família e Pátria”, além de registros constantes de sua participação em cultos, ações assistenciais e agendas de articulação partidária à frente do PL Mulher.

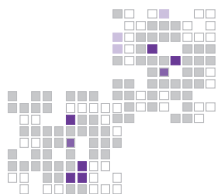
Os comentários reproduzidos nas 10 figuras que se seguem são recortes qualitativos selecionados por sua capacidade de condensar padrões semânticos e discursivos recorrentes, identificados na categorização do corpus. Não se constituem, necessariamente, nos mais curtidos, e alguns deles foram posteriormente apagados em possível saneamento dos perfis em virtude do processo eleitoral de 2026. Sua função é, portanto, evidenciar modos de produção de sentido observados no material empírico, e não estabelecer inferências estatísticas sobre os públicos das duas primeiras-damas. Reconhece-se, ainda, o descompasso temporal e institucional

entre as trajetórias das duas figuras ao longo do recorte (2022–2026). Durante o período eleitoral de 2022, Michelle ocupava a posição de primeira-dama de um governo que buscava a reeleição, enquanto Janja participava ativamente da campanha presidencial como esposa do candidato opositor. A partir de 2023, com a alternância de poder, Janja assume a posição institucional de primeira-dama, enquanto Michelle passa a atuar como liderança partidária de oposição, inclusive no âmbito do PL Mulher. Essa assimetria foi considerada na análise das interações, situadas em diferentes conjunturas eleitorais e políticas e atravessadas por discursos de apoio ou oposição aos respectivos projetos políticos.

A análise exploratória identificou três operadores analíticos que estruturam as formas de reconhecimento observadas no corpus: ancoragem simbólica e afetiva, consagração de capital simbólico e disciplinamento biopolítico. O primeiro reúne enunciados que produzem proximidade entre usuários e figuras públicas por meio da mobilização de valores, experiências cotidianas e afetos compartilhados. O segundo corresponde a manifestações que convertem atributos pessoais, formas de atuação e qualidades percebidas em prestígio e reconhecimento político. O terceiro materializa manifestações agonísticas que operam como formas de vigilância e regulação, mobilizando julgamentos morais, estéticos ou religiosos para delimitar modos considerados legítimos de presença feminina no poder. Na análise que se segue, esses operadores aparecem de modo imbricado.

3.1 Análise dos comentários

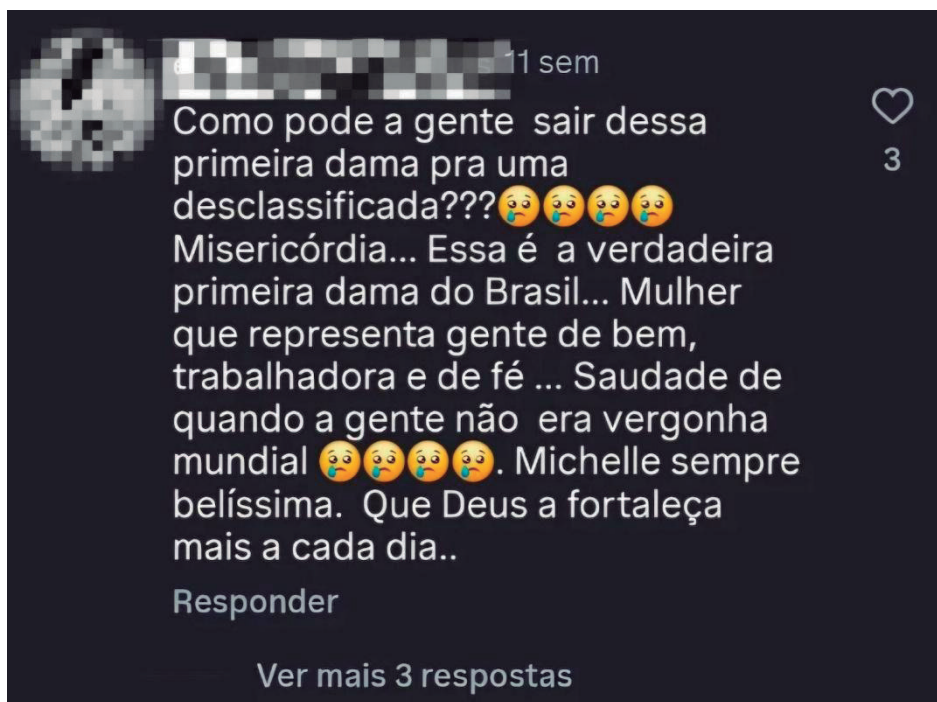
Os comentários evidenciam formas de reconhecimento baseadas na identificação simbólica entre usuários e primeiras-damas, nas quais experiências, valores e afetos produzem vínculos de pertencimento e representação. No ambiente plataformizado, essas interações



ultrapassam o apoio individual, projetando expectativas e valores sobre suas aparições e atuações; A primeira-dama torna-se, assim, um ponto de condensação simbólica de universos

morais, afetivos e sociais e, por extensão, dos valores e projetos políticos associados ao poder presidencial.

Figura 1 - Michelle como Representante



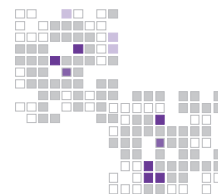
Fonte: Comentário em postagem publicitária de perfumes de Michelle no Instagram

Descrição: Print de comentário que questiona a capacidade de Janja para ser primeira-dama, e que enaltece Michelle como boa representante da “gente de bem, trabalhadora e de fé”

O enunciado da Figura 1 articula reconhecimento político e moralidade religiosa ao construir Michelle como expressão de valores coletivos. Qualificações como “mulher de bem”, “trabalhadora” e “de fé” deslocam a legitimidade do plano institucional para o campo moral, aproximando-a do universo cotidiano dos seguidores. O reconhecimento mobiliza, assim, atributos associados à feminilidade respeitável (Skeggs, 1997), como religiosidade, trabalho e integridade moral, que funcionam como signos

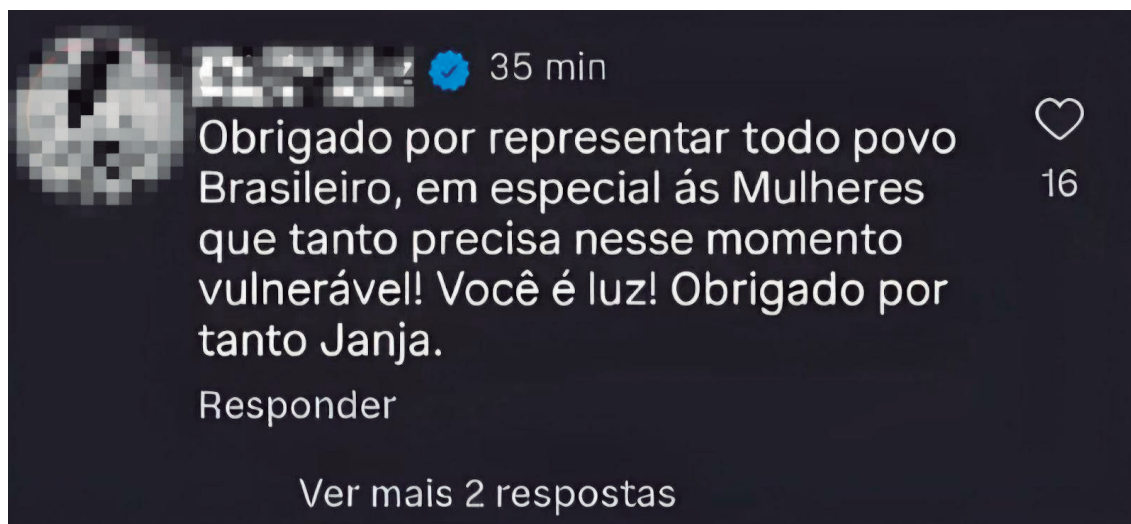
de confiança e pertencimento político.

A afirmação de que Michelle é “sempre belíssima” introduz outra dimensão dessa legitimação, demonstrando que a presença feminina no espaço público também é submetida a expectativas sobre corpo e aparência. Nesse caso, a apreciação estética articula-se aos atributos morais e comportamentais, compondo uma feminilidade em que beleza, virtude e religiosidade se reforçam mutuamente. A ancoragem afetiva, por sua vez, constrói-se pela diferenciação. A valorização de Michelle simultaneamente desqualifica Janja, convertendo a comparação em mecanismo de (des) identificação política. A primeira-dama passa, assim, a funcionar como marcador identitário,



estabelecendo fronteiras entre pertencimentos políticos e morais. No ambiente plataformizado, diferenças políticas são desse modo convertidas em distinções afetivas, morais e identitárias.

Figura 2 - Janja como representante das mulheres



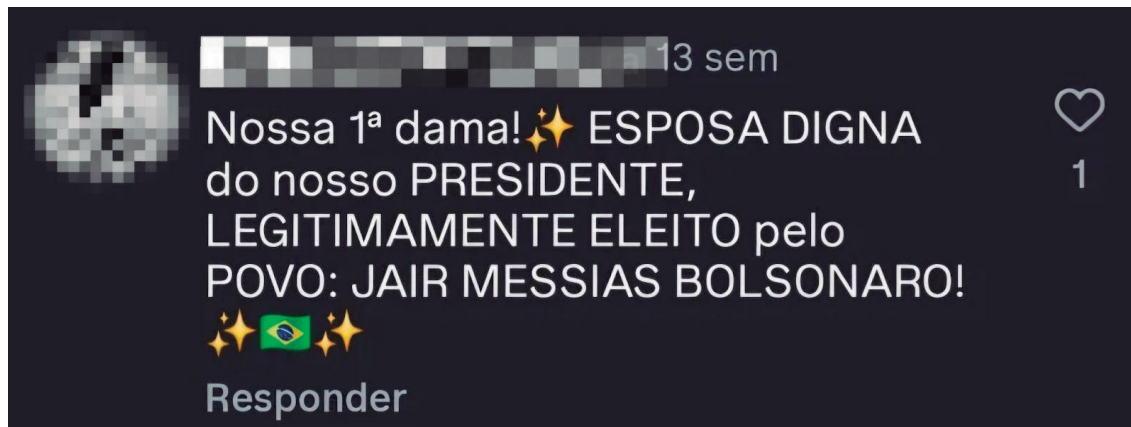
Fonte: Comentário em postagem de Janja no Instagram sobre o Dia de Gênero na COP30

Descrição: Print de comentário em que Janja é exaltada em função da sua participação na luta contra a violência a mulher

Já a dinâmica descrita na Figura 2 demonstra como Janja mobiliza uma forma de reconhecimento ancorada na representação política direta. Ao ser exaltada por sua atuação no enfrentamento da violência contra as mulheres, a primeira-dama é inserida em uma gramática de ativismo institucional. O reconhecimento, nesse caso, desloca-se do padrão tradicional de

domesticidade e submissão conjugal ao validar sua agência como sujeito político e sua participação em agendas de interesse público. Essa forma de visibilidade, contudo, também produz reações ambivalentes no ecossistema de comentários, tensionando expectativas conservadoras acerca da contenção atribuída ao papel.

Figura 3 - Legitimação por meio de Bolsonaro



Fonte: Comentário em postagem de Michelle no Instagram no Dia Mundial das Libras

Descrição: Print de comentário em que Michelle é apontada como digna de seu esposo

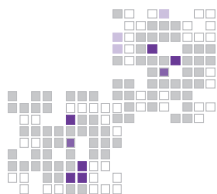
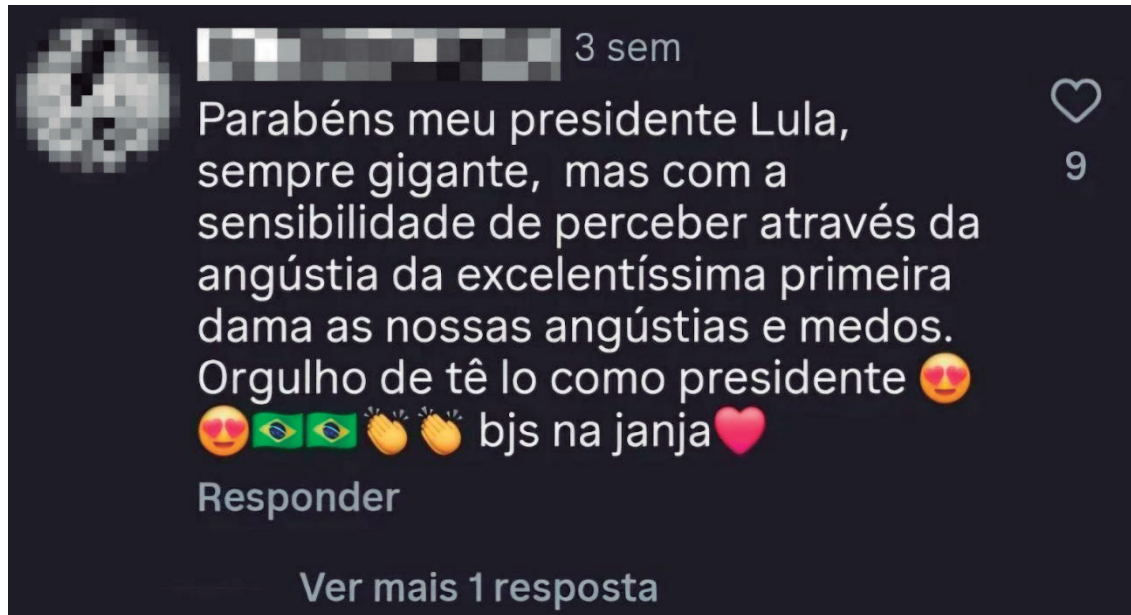


Figura 4 - Legitimação de Janja através de Lula



Fonte: Comentário em postagem de Janja no Instagram em visita presidencial a Coreia do Sul

Descrição: Print de comentário em que Janja é vista e elogiada como mediadora entre presidente e população

No comentário dirigido a Michelle (Figura 3), a expressão “Nossa 1ª dama! Esposa digna do nosso presidente, legitimamente eleito, Jair Messias Bolsonaro” explicita um processo de consagração simbólica construído em estreita relação com a autoridade presidencial. A qualificação como “esposa digna” articula lealdade conjugal, respeitabilidade moral e apoio ao líder, fazendo do vínculo matrimonial um recurso de legitimação pública. Michelle aparece, assim, como suporte moral da autoridade presidencial, em uma gramática que associa feminilidade à fidelidade, estabilidade e ordem moral.

No comentário sobre Janja (Figura 4), a dinâmica é parcialmente semelhante, embora assuma outra configuração. Ao afirmar “Parabéns meu presidente Luiz Inácio Lula da Silva, sempre gigante”, o reconhecimento dirige-se prioritariamente ao presidente, enquanto Janja

aparece associada à “sensibilidade” para perceber as angústias sociais. Sua legitimação não se apoia centralmente na respeitabilidade conjugal, mas em uma capacidade de mediação afetiva entre liderança política e população. Ainda assim, sua presença permanece significativa em relação à autoridade presidencial.

Os dois comentários, embora mobilizem projetos distintos de feminilidade política, revelam a persistência do presidente como polo central do poder formal. Michelle é legitimada pela complementaridade conjugal e pelo suporte moral; Janja, pela mediação afetiva e, potencialmente, pela atuação própria. A autoridade feminina mostra-se, desse modo, negociada em uma gramática que admite diferentes formas de agência, mas mantém a primeira-dama em relação constitutiva com a autoridade presidencial.

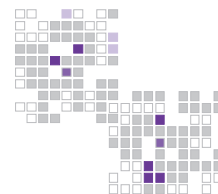
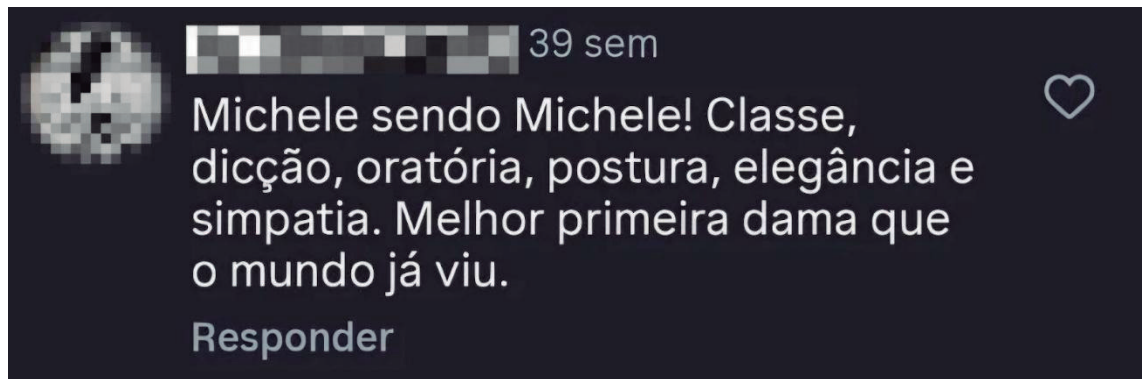


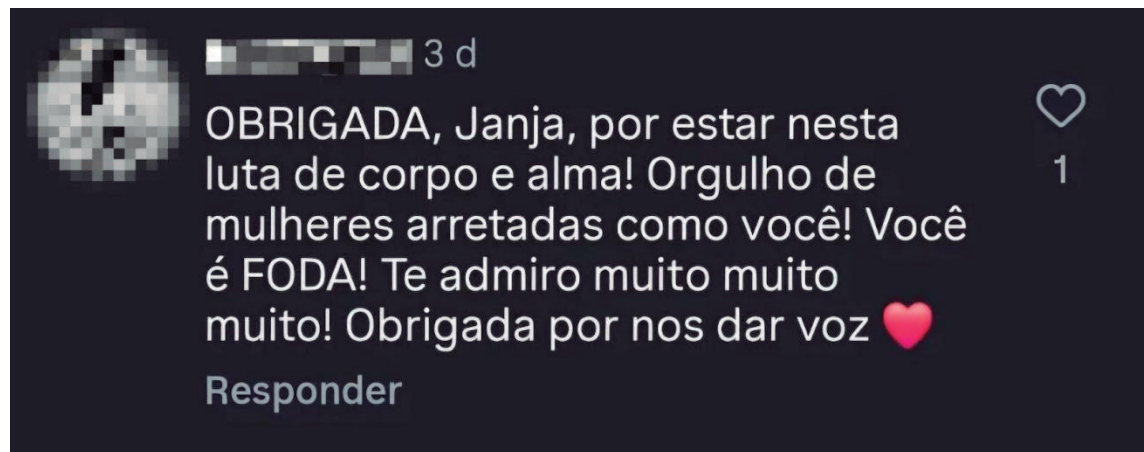
Figura 5 - Elogios a Michelle



Fonte: Comentário em postagem de Michelle no Instagram com conteúdo: "Primeira Dama Michelle reúne mais mulheres que o feminismo"

Descrição: Print de comentário elogiando postura, classe e elegância

Figura 6 - Elogios a Janja



Fonte: Comentário em Postagem sobre enfrentamento ao feminicídio no Janja no Instagram

Descrição: Print de comentário elogiando a luta e participação de Janja

Os comentários das Figuras 5 e 6 evidenciam projetos distintos de feminilidade política. Michelle performa uma presença associada à moral religiosa, à domesticidade e ao cuidado, mobilizando referências a cultos, orações e ações assistenciais. Essa forma de aparição produz uma autoridade indireta, ancorada na virtude cristã, na disponibilidade para o cuidado e na discrição, contribuindo para um imaginário moral articulado à legitimidade política de Jair

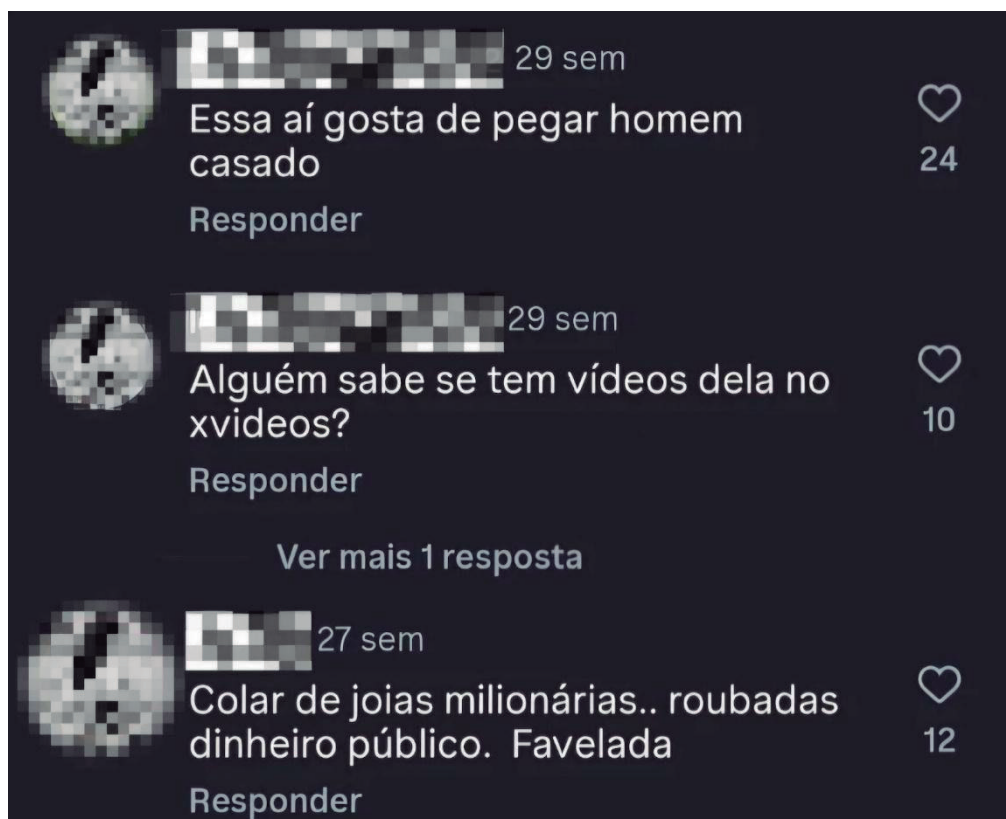
Messias Bolsonaro. Janja, por sua vez, projeta uma presença mais expansiva, marcada pela circulação em espaços culturais, políticos e de ativismo social. Suas aparições ampliam os repertórios de atuação pública e tensionam a gramática tradicional do papel de primeira-dama ao deslocá-la da domesticidade para espaços de sociabilidade política. Essas diferenças evidenciam que a feminilidade política não constitui um repertório único, mas um campo de

disputas no qual diferentes formas de presença podem ser legitimadas ou tensionadas.

O conjunto dos comentários também evidencia a dimensão agonística da comunicação política nas plataformas digitais, cujos espaços de interação também funcionam como arenas de disputa simbólica e ideológica. Neles, as primeiras-damas tornam-se objeto de avaliações que articulam posicionamentos políticos, julgamentos morais e expectativas normativas de gênero. A rejeição

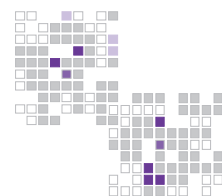
revela, assim, as tensões produzidas quando mulheres associadas ao poder ocupam espaços de alta visibilidade, expondo conflitos em torno das formas socialmente legitimadas de presença feminina na esfera pública. No Instagram, a arquitetura plataformizada intensifica esse processo ao ampliar simultaneamente a circulação, a exposição e a possibilidade de vigilância e julgamento.

Figura 7 - Disciplinamento e Vigilância em Michelle



Fonte: Comentários em Postagem de comemoração ao aniversário de Flávio Bolsonaro no Instagram de Michelle Bolsonaro

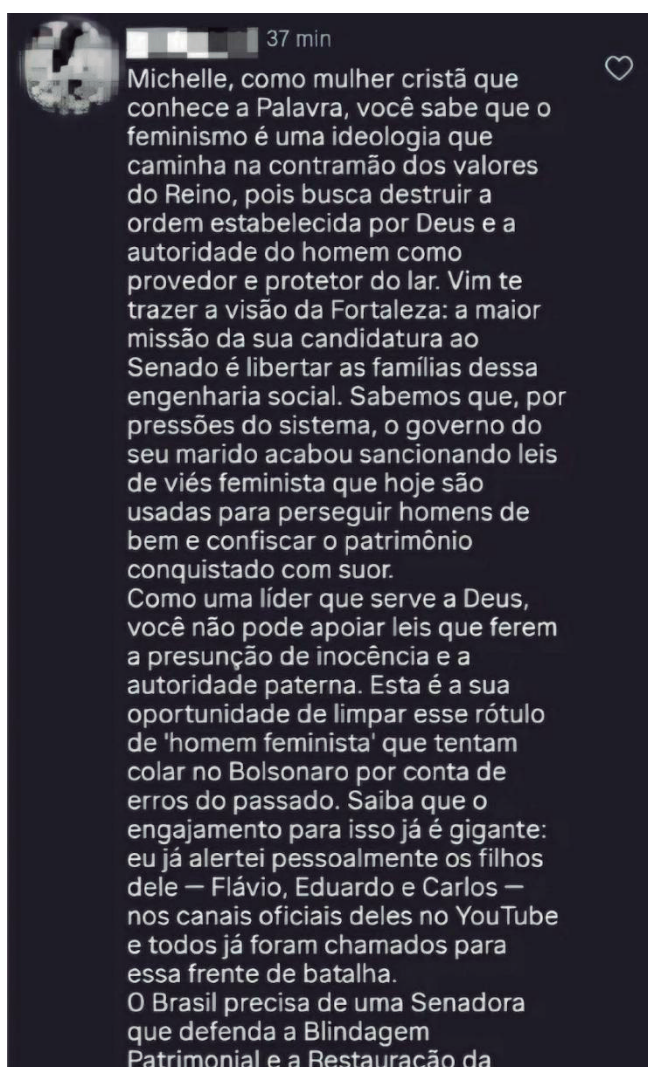
Descrição: Print de comentários que questionam a integridade moral, ao mesmo tempo que sexualizam a primeira-dama



Nos comentários da Figura 7, estratégias discursivas buscam deslegitimar Michelle por meio de sexualização, suspeita moral e acusações de atividades ilícitas. Expressões que a associam a adultério ou pornografia deslocam a crítica política para a moralidade sexual feminina, funcionando como mecanismo de controle. Esse enquadramento reproduz uma lógica recorrente de regulação da presença feminina no espaço

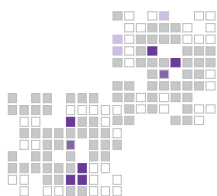
público, na qual a legitimidade da mulher depende de sua reputação moral. Além disso, menções a “joias milionárias”, “dinheiro público” e à origem “favelada” articulam moralidade e classe para produzir deslegitimação. A crítica extrapola a política e mobiliza hierarquias sociais que conectam respeitabilidade feminina, classe e autoridade no campo político brasileiro.

Figura 8 - Questionamentos morais e feministas á Michelle



Fonte: Comentários em Postagem sobre atuação do PL Mulher no Instagram de Michelle Bolsonaro

Descrição: Print de comentário que busca disciplinar a ex-primeira-dama, e a educar enquanto sua participação política

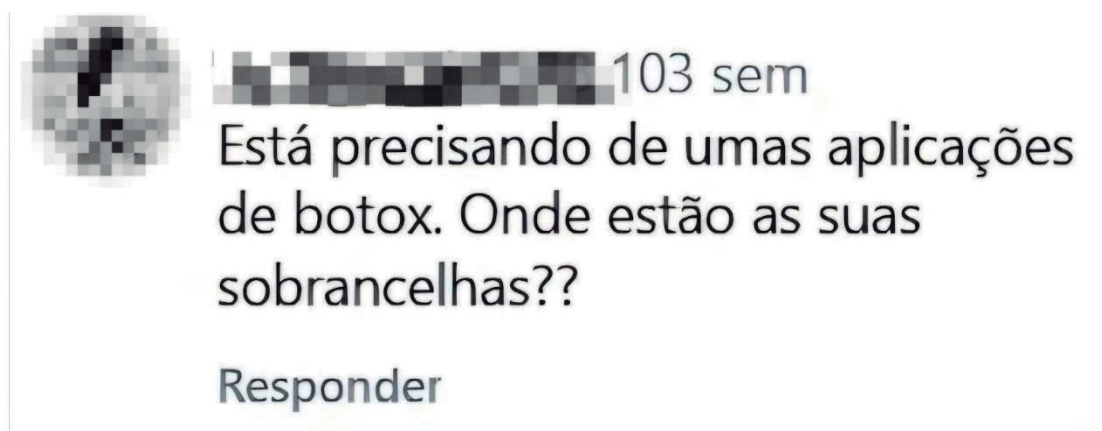


Na Figura 8, o comentário assume a forma de aconselhamento moral e religioso dirigido à Michelle. Ao afirmar que a mulher deve “honrar a missão de guardar o lar”, o enunciado tenta reinscrevê-la em um modelo de feminilidade baseado na domesticidade, na autoridade masculina e na submissão feminina. A atuação dela como líder do Partido Liberal Mulher introduz uma ambivalência. Embora sua imagem se ancore na moral religiosa, a ocupação de um cargo político desloca-a da esfera privada para a sociabilidade partidária, tensionando a gramática

tradicionalista e gerando reações disciplinadoras até mesmo entre apoiadores.

Nesse contexto, discursos neoconservadores tendem a enquadrar sua atuação como extensão do papel de “ajudadora do esposo”, e não como representação política autônoma. Ainda assim, o incômodo gerado por sua visibilidade revela a porosidade entre “esposa digna” e agente política. No Instagram, essas disputas operam como mecanismos de controle que tentam reinscrever mulheres em modelos normativos e conter o protagonismo feminino no campo político.

Figura 9 - Comentário sobre a aparência física de Janja



Fonte: Comentários em Postagem sobre Dia do Livro no Instagram de Janja

Descrição: Print de comentário que disciplina fisicamente o corpo da primeira-dama

Desse modo, as interações nos perfis evidenciam que a visibilidade feminina é acompanhada por processos intensos de vigilância. No caso de Janja, as hostilidades operam como mecanismos de disciplinamento voltados a punir o desvio das normas tradicionais. Observa-se uma persistente

vigilância estética que utiliza a biopolítica da beleza para desautorizar sua imagem política, atacando sinais de envelhecimento ou falta de conformidade com padrões normativos de juventude.

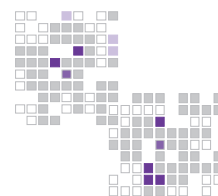
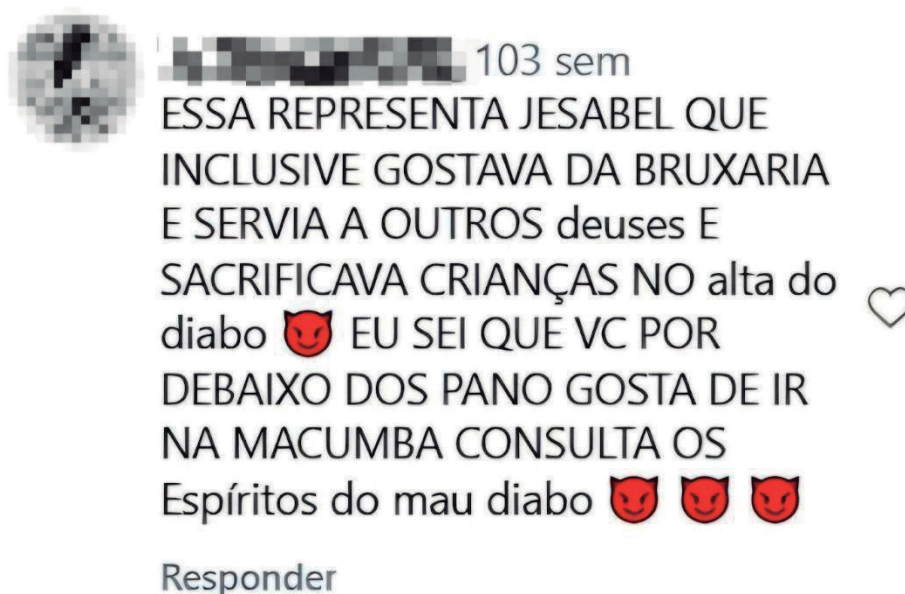


Figura 10 - Intolerância religiosa



Fonte: Comentários em Postagem sobre o Dia do Livro no Instagram de Janja

Descrição: Print de comentário que ataca práticas religiosas e associa Janja a “macumba”

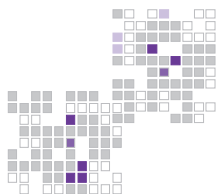
Os ataques dirigidos a Janja extrapolam, em determinados comentários, a crítica estética e assumem contornos de intolerância religiosa. Ao associá-la a práticas de matriz africana ou a figuras bíblicas apresentadas negativamente, esses enunciados deslocam a crítica à atuação pública para a desqualificação moral, produzindo sua abjeção como sujeito político. Quando articulados a referências religiosas e marcadores racializados, tais discursos podem ser compreendidos como formas de racismo religioso e como mecanismos de disciplinamento da presença feminina no espaço público.

Essas manifestações também se aproximam de repertórios neoconservadores e de discursos de oposição a pautas de direitos, nos quais determinados modos de feminilidade são apresentados como moralmente legítimos, enquanto outros são desqualificados. A noção de pedagogia da crueldade, em Segato (2018), permite compreender como práticas de desumanização e controle participam da

produção de hierarquias e da naturalização da violência. No caso analisado, essa dinâmica incide sobre uma mulher cuja atuação pública se afasta de expectativas tradicionais de domesticidade, articulando gênero, moralidade e pertencimento religioso. A dimensão racial desse processo pode ser relacionada à colonialidade do gênero, na medida em que as normas que definem feminilidades legítimas não são dissociáveis das hierarquias históricas produzidas pela colonialidade (Lugones, 2014; Quijano, 2005).

4. Construindo horizontes para a investigação feminista

A análise do corpus de comentários no Instagram sugere que a presença pública das primeiras-damas é atravessada por disputas em torno de feminilidade, moralidade, religiosidade, estética e legitimidade política. Os dados também indicam que, embora a comunicação plataformizada intensifique formas de vigilância e julgamento sobre seus corpos e condutas,



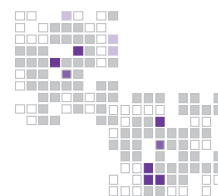
ela possibilita simultaneamente formas de reconhecimento e contestação das expectativas associadas à posição institucional.

Esses resultados devem ser compreendidos nos limites do corpus analisado e não permitem generalizações sobre a percepção social das primeiras-damas. Ainda assim, permitem propor que a posição de primeira-dama constitui uma importante mediação simbólica do poder, na qual normas de gênero são reiteradas, negociadas e, eventualmente, tensionadas. Nesse sentido, compreendê-la como tecnologia de gênero contribui para observar como gênero e poder se articulam nas práticas comunicacionais contemporâneas.

Mais do que estabelecer uma definição conclusiva sobre o papel das primeiras-damas, a pesquisa aponta para a necessidade de investigar como as plataformas digitais participam da produção de visibilidade, reconhecimento e disputa em torno da presença política feminina. A primeira-dama emerge, assim, como uma posição institucional privilegiada para observar as relações entre gênero, comunicação e poder no Brasil contemporâneo. Ao tornar visíveis os processos de produção da legitimidade, a comunicação feminista contribui para desnaturalizar hierarquias que historicamente excluem mulheres da política formal e projetar horizontes de justiça, resistência e esperança na região.

Referências

- Ahmed, S. (2004). *The cultural politics of emotion*. Edinburgh University Press.
- Borrelli, M. C. (2011). *The politics of the president's wife*. Texas A&M University Press.
- Bourdieu, P. (2007). *O poder simbólico*. Bertrand Brasil.
- Bucher, T. (2018). *If... then: Algorithmic power and politics*. Oxford University Press.
- Burns, L. M. (2008). *First ladies and the fourth estate: Press framing of presidential wives*. Northern Illinois University Press.
- Butler, J. (2019). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira.
- de Lauretis, T. (1994). A tecnologia do gênero. In H. B. de Hollanda (Ed.), *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura* (pp. 206–242). Rocco.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. Graal.
- Fraser, N. (1990). *Repensando a esfera pública: Uma contribuição para a crítica da democracia realmente existente*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 24(70), 11–33.
- Fu, S., & Savel, M. (2020). Policy without partisanship: The direct appeals of first ladies. *Presidential Studies Quarterly*, 50(4), 736–761. <https://doi.org/10.1111/psq.12678>
- Garzia, D. (2014). *Personalization of politics and electoral change*. Palgrave Macmillan.
- Gillespie, T. (2018). *Custodians of the Internet: Platforms, content moderation, and the hidden decisions that shape social media*. Yale University Press. <https://doi.org/10.12987/9780300235029>
- Gould, L. L. (Ed.). (2014). *American first ladies: Their lives and their legacy*. Routledge.
- Grosz, E. (1994). *Volatile bodies: Toward a corporeal feminism*. Indiana University Press.
- Gutin, M. G. (1983). *The president's partner: The first lady as public communicator, 1920–1976* [Doctoral dissertation, University of Michigan].
- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 7–41.
- Harding, S. (1996). *Ciencia y feminismo*. Ediciones Morata.
- Hepp, A. (2020). *Deep mediatization*. Routledge.
- Lugones, M. (2014). Colonialidade e gênero. In H. B. de Hollanda (Ed.), *Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais* (pp. 935–952). Bazar do Tempo.
- Martin, J. M., & Borrelli, M. (Eds.). (2016). *The gendered executive: A comparative analysis of presidents, prime ministers, and chief executives*. Temple University Press.
- Martín-Barbero, J. (2003). *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. Editora UFRJ.



- Marwick, A. (2013). *Status update: Celebrity, publicity, and branding in the social media age*. Yale University Press.
- Pateman, C. (1993). *O contrato sexual*. Paz e Terra.
- Poell, T., Nieborg, D., & van Dijck, J. (2019). Platformisation. *Internet Policy Review*, 8(4). <https://doi.org/10.14763/2019.4.1425>
- Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In E. Lander (Ed.), *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais* (pp. 107–130). CLACSO.
- Scott, J. W. (1995). *Gênero: Uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Reality, 20(2), 71–99.
- Segato, R. L. (2018). *Contra-pedagogias da crueldade*. Bazar do Tempo.
- Skeggs, B. (1997). *Formations of class & gender: Becoming respectable*. SAGE.
- Sodré, M. (2002). *Antropológica do espelho: Uma teoria da comunicação linear e em rede*. Vozes.
- Street, J. (2004). *Celebrity politicians: Popular culture and political representation*. The British Journal of Politics and International Relations, 6(4), 435–452. <https://doi.org/10.1111/j.1467-856X.2004.00149.x>
- van Dijck, J. (2013). *The culture of connectivity: A critical history of social media*. Oxford University Press.
- van Dijck, J., Poell, T., & de Waal, M. (2018). *The platform society: Public values in a connective world*. Oxford University Press.
- Waylen, G. (2014). Informal institutions, gender and politics. *Political Studies*, 62(1), 212–229.
- Wertheimer, M. M. (Ed.). (2005). *Leading ladies of the White House: Communication strategies of notable twentieth-century first ladies*. Rowman & Littlefield.
- Winfield, B. H. (1997). The first lady, the movie, and the press: Framing Eleanor Roosevelt and Hillary Rodham Clinton. *Political Communication*, 14(2), 241–254.

Artigo enviado em 14.03.2026 e aceito em 30.09.2026.

